

Reinaldo de Carvalho – brevíssima memória de um humanista do nosso tempo

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: Reinaldo de Carvalho, de formação académica filosófica, exerceu várias profissões e dedicou-se a várias atividades. Foi romancista, poeta, ensaísta e editor, desenvolveu investigação química e à aplicação das suas descobertas na indústria e nas Belas Artes. Foi um cidadão atento e interveniente, tanto na sua Cidade e em Portugal, como ao nível europeu. Apesar de ter chegado a ver um trecho de um romance seu reproduzido numa seleta literária para as escolas, é, em geral, um desconhecido do público. 12 anos passados sobre o seu falecimento, é mais que tempo de um seu discípulo informal lhe prestar uma homenagem, recordando algumas das facetas da sua personalidade.

Palavras Chave: Reinaldo de Carvalho, Flávio Vicente, Cultura Portuguesa, Literatura Portuguesa.

Abstract: Reinaldo de Carvalho, with a philosophical academic background, exercised several professions and dedicated himself to various activities. He was a novelist, poet, essayist and publisher. He also dedicated to chemical research and the application of his discoveries in industry and in the Fine Arts. He was an attentive and intervening citizen, both in his city and in Portugal, and at European level. In spite of having come to see a passage of a novel reproduced in a literary selection for schools, he is, in general, a stranger to the general public. 12 years after his death, it is more than time for his informal disciple to pay tribute to him, recalling some of the facets of his personality.

Keywords: Reinaldo de Carvalho, Flávio Vicente, Portuguese Culture, Portuguese Literature.

I

De vez em quando, alguns autores com sentido do legado cultural e das dívidas que foram contraindo na sua formação e percurso, dão a lume interessantes estudos do género da “galeria de retratos”, em que recordam personalidades com que se cruzaram, e que, de algum modo, os poderão ter influenciado. São trabalhos normalmente impressionistas, rápidos, em que em breves pinceladas se recordam figuras marcantes – mas normalmente já celebradas e recordadas noutra tipo de memoriais. Lembro, assim de cor, livros muito diversos e celebrando vários tipos de encontros, como os de Giovanni Papini (que chega a lembrar Lenine, que avistou creio que ao longe, no seu exílio suíço), João Bigotte Chorão, António de Almeida Santos, etc.

Além desses, há sempre os esquecidos. Em Portugal e no Brasil há, realmente, tantos esquecidos que houve mesmo uma Academia, fundada na Bahia, com esse nome (1724): a “Academia dos Esquecidos”. Ela mesma muitíssimo esquecida, além de efémera. A expressão “ilustre desconhecido” encerra em si, em alguns meios, pelo menos para alguns, uma *contradictio in terminis*: como pode hoje, em época de exposição e marketing pessoal, algum desconhecido ser ilustre? E, contudo, há alguns desconhecidos ou pouco conhecidos que são ilustríssimos.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença para o exercício daquele cargo judicial).

Direito e Justiça na obra de Reinaldo de Carvalho, da autoria do Doutor Flávio Vicente, é, ainda, estes anos volvidos sobre a defesa da tese que lhe deu ensejo (2012), e que subjaz como andaime da sua estrutura e vida, o único trabalho de fôlego sobre este grande escritor (chamemos-lhe apenas assim, como teria gostado, ao que cremos). Simpaticamente, o autor escreveu um artigo numa obra em homenagem do autor destas linhas em que recordou de novo Reinaldo de Carvalho, precisamente enquanto nosso mestre. Mas, aparte esses dois títulos, parece ser o deserto de alusões.



Reinaldo de Carvalho, Vilhena de Andrade e o autor,
foto de “O Primeiro de Janeiro”, 28-03-1982.

Trata-se, como é óbvio, de uma dessas grandes injustiças do nosso panorama cultural. Não tanto do nosso mundo jurídico, que obviamente poderia ter continuado nessa linha de *Law & Literature* (que contudo deu, afinal, o primeiro passo), mas sobretudo do literário e intelectual em geral.

Não é nada que se estranhe. E provavelmente não será sequer uma idiosincrasia nacional, embora, na *Arte de Ser Português*, Teixeira de Pascoaes tenha assacado aos portugueses alguns defeitos de carácter que determinam não apenas a má sorte de muitos dos seus maiores, como, sobretudo e antes dela (quantas vezes engendrando-a), a conspiração que os mediócrs contra eles frequentemente urdem.

A inveja é, grandemente, a responsável por etiquetas apoucadoras, ou por uma pesada cortina de silêncio que cai sobre a grande qualidade. Quem não se pavoneia, quem não se desfaz em *marketing*, não anda nos círculos, não se esgadanha para *ver e ser visto*, não existe. Alguns anos sobre o seu falecimento, de que nem muitos amigos tiveram conhecimento (a leitura dos obituários – e até dos jornais – deixou de ser hábito corrente), é natural que o esquecimento impere sobre esta figura maior da nossa Cultura. É natural, sendo as coisas como são, mas não é justo.

Não será este pequeno escrito que irá resgatar essa dívida nacional (vã, estulta pretensão seria essa), mas ele procura ao menos ser o modestíssimo tributo que da minha parte tardava, consubstanciado em texto meu. Com a tristeza amarga de tantas corveias sem sentido, tantas andanças sem importância, me tenham todo este tempo distraído e afastado desta tarefa. E com a nítida sensação de que, tivera eu outro fôlego, outra disponibilidade, outra saúde, cumpriria não digo melhor, mas decerto de forma mais útil – porque assim a tendência é a de deixar a pena fluir (*currente calamo*) ao sabor das recordações. E não abrirei (desde já o declaro e confesso) um só livro dos muitos (quase todos) que possuo da autoria do grande autor. Nem um só. Isso ir-me-ia distrair e quem sabe se fazer adiar mais uma vez o meu intento, agora fortíssimo.

Não se trata, não se quer, um estudo aprofundado, e muito menos erudito, que (por exemplo) de algum modo dialogasse com o trabalho académico que precedentemente referimos. É uma voz de quem foi discípulo (não académico) de

Reinaldo de Carvalho, que com ele contactou e dele aprendeu quase diariamente, durante anos. E que, estando em Coimbra a cursar Direito, quase não passava fim-de-semana sem que o fosse ver ao Porto, para conversar.

É essa *vida conversável*, de que falava Agostinho da Silva, que hoje nos falta radicalmente (fora de rodas de má língua e elogio mútuo – que sempre existirão, noutra registo e noutra “vibração” da existência) que recordamos. Reinaldo de Carvalho ensinava enquanto conversava, embora arrisque a dizer que nem sequer seria o ensino a sua principal vocação (foi apenas efemeramente professor: e creio que apenas de Grego Antigo e lateral e pontualmente nas Belas Artes). Cremos que acreditaria, como Michel Villey, que sobretudo se aprende, não se ensina. Portanto, o polo da relação educativa (melhor dizendo, de formação) está na vontade, no esforço do que quer aprender, não do lado do que quer ensinar, ou que tem alguma coisa a ser ensinada, melhor, a ser aprendida.

II

Reinaldo Pinto de Carvalho (14 de setembro de 1930 – 8 de outubro de 2008) nasceu na freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, distrito de Bragança.

Reinaldo Pinto de Carvalho. Começamos pelo nome. O próprio nos contou chamar-se Reinaldo pelo facto de o seu pai admirar muito um tal Reynolds, inglês que andava por aquelas paragens nortenhas (talvez um produtor de vinho do Porto?). Não se podendo dar, certamente, à criança nome britânico, encontrou-se o nacional mais próximo. Pinto de Carvalho são obviamente nomes de família. Porém, parece que se associava o Pinto a famílias de posses, e Carvalho, na simbólica pessoal do pai de Reinaldo, era árvore que representava a força. Ele próprio se sentiria “forte como um carvalho”, algo como que sinónimo de “de antes quebrar que torcer”. Forte e inquebrantável.

É interessante que, não sendo de modo algum um fanfarrão de proezas físicas (ou quaisquer outras – tinha a modéstia da naturalidade e não essa por vezes até hipócrita vaidade humilde, que até choca), o nosso autor era de porte altivo (mas não presunçoso – pelo contrário, com simpatia e solicitude, sobretudo para com os mais fracos), direito, bem constituído. Diziam que teria sido loiro. Já o conheci um pouco grisalho e com barba, o que lhe dava um certo ar de intelectual oitocentista. Creio que por vezes colocava óculos para ler, ou aproximaria os livros e papeis dos olhos? Talvez ambas as coisas, conforme as situações.

Em jovem, terá feito algum desporto. Também brincara em pequeno a comandar pequenas tropas de moços, o que implicará alguns exercícios físicos, e estratégia. Não fará, contudo, o serviço militar a sério, por ter sido dispensado. Cremos que, na altura, em pleno fervor aos estudos, tal dispensa lhe terá agradado. Mais tarde, porém, mostrará uma (curiosa e não simplista) simpatia pela função militar na dimensão do pensamento estratégico. E devem ter sido muito interessantes as suas conversas com o seu candidato a presidente da República, o major-general Pires Veloso, que foi cognominado “vice-rei do Norte” e governador da sua região militar. Algumas pessoas estranharam a associação entre os dois: naturalmente que o militar seria muito mais conservador que o intelectual. Não sei se nas Memórias do candidato, que saíram por coincidência por alturas do falecimento do escritor, haverá alguma referência a esse tempo de troca de impressões. Creio que tenho o livro, mas não o consigo encontrar, com uma biblioteca espalhada por várias casas e gabinetes em dois

continentes... Para mais com os constrangimentos da pandemia. E, de qualquer modo, o valor destas laudas, se algum poderão ter, é o da memória, não da conferência detida. De certa maneira, isto nos lembra as críticas ao manuscrito de *Investigações sobre a França*, de Etienne Pasquier: o historiador citava demais as suas fontes. Não incorramos nós nesse vício, porque o que aqui se visa não é pura historiografia, mas puro memorialismo.

Possuía Reinaldo de Carvalho, além do vigor intelectual sagacíssimo e de um cabedal cultural excepcional, uma vitalidade física admirável. Nunca o vimos cansado. A luz, por vezes, incomodava-lhe os olhos. Talvez, rarissimamente, lhe tenhamos surpreendido leve dor de cabeça. Mas tinha saúde de ferro e sobretudo entusiasmo sem fim. Era capaz de, perante qualquer problema, encontrar um ponto de vista diverso, que frequentemente deixava o eu interlocutor surpreso, ou desconcertado, mas em muitas ocasiões muito mais aliviado. Se quiséssemos fazer uma incursão esotérica (e ele não era nada dessas coisas – sempre um racionalista inteligente, mas um racionalista), diríamos que, sendo o Mago, muitas vezes faria o papel do Bateleur (mas na verdade são o mesmo). Ora a afirmação ou divisa desta personagem mítica é “tudo é possível àquele que crê” (Mc. IX, 23). Para ele, não se tratava de uma crença religiosa, que não possuía (de que contudo era realmente respeitador, como aliás de todas as convicções e mesmo estilos de vida contrários aos seus), mas de uma afirmação apesar de tudo positiva. Talvez fosse uma crença na possibilidade transformadora que todas as pessoas possuem, se acreditarem e se agirem.

O que é curioso (mas não paradoxal, se bem virmos), porque era bastante cético (fruto de profundo conhecimento das pessoas – na verdade, sofreu algumas *facadas nas costas*). Mas esse ceticismo, por assim dizer filosófico, ou antropológico, não o coibia de grandes empresas. Para que se necessita de uma predisposição de confiança, esperança, e, de algum modo, fé.

Intelectual, sem dúvida, pessoa de livros (além da sua biblioteca pessoal, tinha uma outra na sua editora, a Rés, na Praça Marquês de Pombal, numa bela casa que recuperou com esmero – até onde conseguiu artistas para tanto; por exemplo, tentou recuperar ao máximo os estuques do teto), possuía esse conhecimento das coisas das Finanças, da Banca, do Mundo dos negócios, que a nós, por exemplo, sempre foi *terra ignota*, e que Bertrand Russell achava ser imprescindível para compreender e viver no nosso mundo argenteiro. Não é que tivesse aquele toque de Midas que faz alguns viverem em *mar de contentamentos* materiais. Não. Cremos que, tendo sido durante muito tempo editor (negócio dos mais perigosos financeiramente, mas fascinantes – segunda agricultura, no sentido de ser *arte de empobrecer alegremente*), por vezes necessitava de alguma imaginação (que tinha abundantemente) para navegar em águas mais revoltas. Mas, com probidade e bom senso navegava. Não sem editar muitos livros que sabia não irem vender-se: mas fazendo-o por uma espécie de imperativo categórico para a cultura nacional, ou para a cultura *tout court* até.

Tinha, aliás, uma ética na publicação que o levava a algum exagero, na minha opinião. Fui eu que, a seu pedido, desenhei o logotipo da editora. Não podia deixar de ser um mocho, com chapéu académico. E teve que ser desenhado de um risco, quase sem levantar a mão do papel. Teria eu talvez quinze anos. Foi no café “Piolho”, e fizemos uma boa meia dúzia de tentativas. Finalmente, consegui. E esse símbolo representava, realmente, ao mesmo tempo a solidez clássica e o dinamismo e tenacidade da empresa. Fiz (sempre graciosamente, é claro – nem outra coisa teria sentido) muitas capas de desenhos para livros e coleções. Para mim era um jogo, um divertimento. Também uma honra.

Contudo, nessa proximidade maior com os livros da Rés, verifiquei (e não era o único a pensar assim) que tinham, de início, uma apresentação gráfica muito pobre.

Foram melhorando. Mas o editor não gostava de coisas exuberantes. É claro que poupava também, mas, mais que isso, não queria livros com margens largas (dizia que não era vendedor de papel branco), nem capas muito coloridas, etc. Lembrava expressamente, em abono da sua linha estética, as capas das coleções francesas, sempre tão sóbrias. E nisso tinha total razão. Contudo, os seus tipógrafos, impressores e afins nunca conseguiram alcançar a singeleza de linhas com beleza de concepção das edições de além Pirenéus. A ideia poderia ser belíssima, dela participei quantas vezes. Mas passar da ideia à concretização, já era mais complicado. Só mais tarde viria a fazer livros mais aparatosos, embora, infelizmente, a sua concepção nem sempre tenha tido muito feliz concretização por parte dos impressores ou encadernadores...

Voltemos muito brevemente à Família. Se do pai vemos esses exemplos de força, tinha uma verdadeira ternura e admiração pela mãe, que o deve ter influenciado muito, com a sua sabedoria ancestralmente recebida. Teve três filhas, muito diferentes entre si, todas muito inteligentes e que sempre estavam nos seus pensamentos e no seu coração.

III

Veio cedo estudar para o Porto. Apesar de, quando com ele privei, os tempos fossem outros, bem diferentes dos atuais, mesmo assim, impressionou-me muito o que me contou sobre a sua vida de jovem estudante no Porto.

Ao contrário do que seria normal, as suas memórias dessa época não foram fanfarrônicas da boémia portuense. Tinha um horário rígido, e curioso: estudava afincadamente de dia, e ia espairar à noite. Não entrou nunca em detalhes.

Aliás, ao contrário de algumas pessoas da sua geração, que desfilavam anedotas, ditos, e tinham até uma linguagem um pouco desbragada, Reinaldo de Carvalho sempre mantinha a discrição e um discurso primoroso – não afetado, mas natural, e não usava nunca gíria, calão e muito menos impropérios. Na verdade, nunca o vi exaltar-se. Aborrecer-se, sim. Mas não explodia. E era imensamente paciente, dessa paciência forte dos tolerantes, não dos frouxos.

Era um *gentleman* integral e verdadeiro (dir-se-ia que pelo chá que bebeu desde criança e não pelo postigo de quem usa a etiqueta como um calço de ascensão social), não praticando essa hipocrisia ou pelo menos desdobração da personalidade que fazia alguns usarem gongorismos com as senhoras, a quem beijavam as mãos (mesmo ao ar livre e com luvas) e logo a seguir manifestavam sentimentos misóginos, mesclados com linguagem de fazer corar um marinheiro, para usar a expressão por Bernard Shaw (difundida, no seu *Pigmalião*, depois adaptado como *My Fair Lady*).

Nesses tempos de juventude, Reinaldo de Carvalho preparava-se para ser escritor. Ora, o que ele entendia por isso radicava numa visão muito precisa e também de algum modo motivada pelas suas influências racionalistas e científicas, sem serem cientistas – chegou a ser químico prático e experimental durante um par de anos, estudou Química em Paris, e inventou um composto químico que depois aplicou à indústria, em Espanha e na América Latina. Reinaldo de Carvalho via a literatura também como uma ciência, ou, pelo menos, para ela se preparou com o *rigor obstinado* dos renascentistas.

Escrever um romance ou até um poema seria, na sua concepção, o resultado de um estudo psicossociológico. Tal pode observar-se nas suas composições poéticas, designadamente em *Lugar à Poesia*. Portanto, os predicados ou requisitos do literato

não são sobretudo um mais ou menos pueril jeitinho para alinhar belos adjetivos, um sentimentalismo piegas, pelos parâmetros de outrora, ou, hoje, uma rudeza de quadros sociais e expressões mais rompantes e estrídulas. O que interessa é a arte dissecadora, à lupa, de microscópio e bisturi. E não é necessária nem útil a lamechice, a pomposa oratória, ou o *épater le bourgeois* (que já não se espanta ou choca com nada, aliás).

O nosso escritor preparava-se então para ser escritor. Mas também me advertiu um dia que ser romancista obrigava, além de fino e profundo conhecimento psicológico e social, uma carga pessoal de experiência vivida e sofrida. Como que sem o *pathos* da dor se não conseguisse transmitir (ou não se alcançasse a necessária empatia) a tragédia alheia, e universal.

Classificado, por displicência, comodidade, ou miopia, por vezes, como escritor regionalista, sabia bem que os dramas locais, com cor local, podem perfeitamente ser grandes lições de universalidade. Vejam-se, por exemplo, as suas *Terras Pardas*, ou mesmo composições mais curtas, mas nunca simplesmente anedóticas ou pitorescas, tal como, por exemplo, os *Contos Durienses*, de João de Araújo Correia (para não estar sempre a falar dos mais habitualmente comentados). A mestria no traçar de uma cor local não é contraditória com a grande literatura ou a universalidade, assim como o aguarelista ou o pintor de paisagens ou naturezas mortas não há de sempre estar aos pés do retratista a óleo, na penumbra ou numa subalterna posição “por natureza”.



Durante essa aprendizagem, que era ao mesmo tempo formal (cursou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e autodidática, tinha um método típico de aprender, em que polarizava as ideias em torno de grandes conceitos. E ensinava mesmo os colegas a estudarem e a prestarem provas por essa forma de mnemónica, centrando-se nos conceitos-chave de cada disciplina. Tinha um belo e imponente Dicionário temático ou ideográfico, cujo autor esqueci, e que nunca vi a mais ninguém, o qual o deve ter ajudado nessa cosmovisão – ou tê-lo-á, inversamente, adquirido na senda dessas suas ideias. Quem sabe? Aliás, terá começado mesmo a organizar um dicionário ele próprio, mas algum acidente interrompeu essa obra.

Frequentara muito, na juventude, o Instituto Francês do Porto, de que ainda usufruí largamente, pelo serviço de empréstimos domiciliários da respetiva Biblioteca que, não sendo muito grande, era seletiva e quase um paraíso para quem a frequentava, como eu. Travou conhecimento e talvez amizade com o então diretor, que

(conta-se) dizia a terceiros que ele era uma mente genial. Era-o, com efeito. De uma pequena conversa consigo se retiravam, não só ensinamentos para toda a vida, como um enorme prazer intelectual, que perdurava, e sugestões de leitura, pesquisa e meditação filosófica abundantíssimas. E não era de modo algum pedante ou torrencialmente erudito.

Num país de pouca gente e de círculos intelectuais, políticos e afins muito pequenos e mais ou menos todos familiares ou afins, com a proverbial inveja, aliada a muita mediocridade, elogio mútuo, maledicência alheia, maniqueísmo de grupos, grande falta de ideias originais e capacidade para as realizar, é natural que Reinaldo de Carvalho fosse uma personagem à parte.

Não gostando da ribalta, não venerando especialmente mestres vivos, não pertencendo a capelinha (da sua passagem pela vida partidária deixou o ensaio, também algo memorialístico, *Partidos e Pessoas*, mas, se poderia ter guardado mágoa, cremos que mais levou esse período à conta de experiência de conhecimento dos homens e das instituições), tinha apenas os amigos e os admiradores verdadeiros, e não as falsas legiões de epígonos que, com alouvaminha do mestre, esperam a reflexa fama ou até sinecura...

Além do mais, nas conversas, em alguns artigos, nos seus livros, deixava cair pérolas que por vezes seriam adaptadas por outros, como se foram próprias. Não se preocupava nada com essa apropriação alheia. Era um outro Ulisses, sempre cheio de recursos: quer intelectuais, quer mesmo de planos e projetos. E do mesmo modo que dizia, numas ocasiões, que se nos furtassem uma ideia logo nos nasceria uma nova, também chegou a confessar que tinha “um saco cheio” de soluções para as situações mais complicadas, para os maiores desafios. Era uma pessoa engenhosa, que nunca vimos ser vencida pelas adversidades.

O seu engenho manifestava-se em todos os domínios. Ele o levou, como dissemos, numa situação de inesperada adversidade, a estudar e fazer Química (transformando uma garagem em laboratório), a empreender, a gerir, mas também a criar. A sua atividade de escultor liga-se à criação de métodos que disponibilizou aos especialistas em Artes Plásticas. Diz-se que é seu um conjunto escultórico representando uma Ceia de Cristo numa Igreja em Guimarães, ou lá perto. Também trabalhou com vitrais. Curiosamente, nunca dele vimos nenhum desenho ou pintura, nem mesmo um desses esboços automáticos que se vão fazendo a si próprios no decurso de uma reunião, ou quando se está ao telefone.

IV

Conta também “a lenda” que sabia *Os Lusíadas* de cor. É curiosa a referência, porque, ao contrário de outros, que sabiam dele apenas algumas estrofes, nunca o ouvi declamar, ou sequer sacar de uma citação camoniana. Mas a sua prodigiosa memória e o amor às coisas pátrias não nos permitem que de tal duvidemos. Certamente era a sua desafeição à exposição pública, a sua amizade pelo recato e pela sombra que o coíbiam de mostrar esse conhecimento.

O seu patriotismo era obviamente sensato, moderado, e ponderado, naturalmente, por um cosmopolitismo ou internacionalismo no melhor sentido. Era viajado, conhecedor dos outros povos, e tinha, realmente, uma *preocupação por Portugal*. Escreveu para o jornal “O Primeiro de Janeiro”, creio que a pedido expresso da publicação, três artigos sobre “Quem são os Portugueses”. Entre outras, tinha a ideia (que seria interessante fazer dialogar com as autognoses nacionais de Fernando

Pessoa, antes de mais) de que em nós confluíam como que duas almas diferentes e antagónicas, encontrando-nos nós numa espécie de encruzilhada entre o latino e o germânico, sendo necessário cada um, cada português, escolher o seu lado mais organizado e racional, ou mais criativo e sonhador. Infelizmente, não encontro os recortes destes artigos...

Depois de ter cessado a sua atividade partidária (na sequência da qual terá recusado mesmo o cargo de Ministro), que convocou o seu empenhamento após o 25 de abril de 1974, não abandonou o interesse e a atuação na *res publica*: dedicou-se, no plano cívico-cultural, a trabalhos de âmbito europeu. Já era membro da Associação Portugal-Europa, mas será um momento em que lhe dará grande ânimo, tendo sido eleito seu Presidente.

A ele se deveu a atividade dessa organização em várias instâncias internacionais, com participação de membros seus em colóquios e congressos pela Europa fora. Um ânimo suplementar seria dado à Associação com a criação de uma estrutura de jovens, a Juventude Portugal-Europa, que viria a editar a efémera revista “Ariana” (é complicado as revistas durarem em Portugal), por referência ao mito helénico de Ariana ou Ariadne. A publicação foi lançada na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, em sessão presidida pelo então Reitor, Prof. Doutor Ferrer Correia. Não era coisa banal nesses tempos. No Porto, o lançamento ocorreu no Ateneu Comercial, e presidiu o advogado (e um dos impulsionadores, à data, da candidatura presidencial do General Humberto Delgado) Jaime Vilhena de Andrade.

Não sendo jurista, Reinaldo de Carvalho parece que teria convivido com juristas com alguma frequência numa fase da sua vida, e tinha uma compreensão própria, uma pessoal filosofia do Direito, que se manifesta sobretudo na sua poesia de forma mais explícita. De qualquer modo, acabaria por assinar comigo uma obra que certamente está presente em muitas bibliotecas de juristas: a *História da Faculdade de Direito de Coimbra*, em 5 volumes. Foi uma colaboração muito fecunda. Na parte que assina, podem também ver-se interessantes reflexões filosófico-historiográficas, se assim podemos dizer. Infelizmente, é esta a única obra em que colaboramos. O tempo não nos deixou ensejo para mais...



Era Reinaldo de Carvalho um europeísta convicto e amava Portugal, conhecendo-lhe as raízes, dos mitos à antropologia, e a cultura nacional ao longo da História.

No plano ideológico, era obviamente um moderado, democrata convicto, sério, com ética vertical. Havia nele uma sinceridade rural e aristocrática que não contemporizava com os jogos palacianos e as demagogias.

Queria fazer coisas na Cidade e sabia como fazê-las. Não especulava *ad libitum*, como alguns, sobre questões propriamente ideológicas. Nunca o vimos citar ninguém, muito menos usar citações como armas de arremesso, arietes de erudição. Ia mais fundo, à filosofia política, e aos exemplos da História. Sobretudo lhe interessavam as ideias, por elas próprias, não pelas *auctoritates*.

Tinha um pensamento social, evidentemente, aliado a uma profundamente arreigada vontade de Justiça e de Liberdade. Mais livre até do que muitos que se creem livres, sempre entendeu até os partidos democráticos (e agindo em democracia) como sendo federações de pessoas livres e jamais coletivos de gentes despersonalizadas e acrílicas. Isso não quer dizer que não fosse sociável, ou que não fosse leal ao seu partido. Nunca mo disse, mas estou absolutamente convencido de que contribuiria mesmo financeiramente para os empreendimentos coletivos em que se empenhava. Talvez cedendo instalações, ou até pagando rendas de casa – mas realmente não sei. Longe de ser um *outsider* ou “paraquedista” que entra de forma individualista em projetos coletivos, ele entra de boa fé, atua, só que não vende a alma, nem hipoteca a consciência.

Não poderia deixar de conviver em si o impulso generoso da solidariedade com a consciência da individualidade, uma individualidade pensante e criadora. Já não viveu para assistir ao espetáculo de algumas facetas de certas forças políticas e ideologias de hoje, que, por um lado, o deveria fazer momentaneamente rir, e, por outro, muito deplorar... Afinal, tudo deriva de uma coerência, de uma inteireza e de uma *preparação* (palavra de que gostava) que ele sabia muito bem já faltarem no seu tempo, mas que hoje resvalam, em muitos casos, e, se virmos o panorama do mundo, mesmo ao mais alto nível.

Como entendia a política como serviço público, considerava que (tal como para se ser romancista...) é preciso *preparação*, estudo, e qualidades. Considerava, antes de mais, que as pessoas se devem preparar para os cargos que almejam desempenhar. Devia ter lido, ou pelo menos confluía, com um agudo artigo de Oliveira Martins que, sendo ele próprio um autodidata (e talvez por isso mesmo – sabia o que lhe custara a sua própria preparação por conta própria), deplorava não se requerer legalmente então qualquer habilitação para o exercício dos mais espinhosos e técnicos cargos públicos. Nem então, nem hoje. Embora não devamos estigmatizar os génios políticos sem grandes diplomas que se venham a tornar estadistas, que também os pode haver.

V

Era uma pessoa afável sem salamaleques, estimado e admirado por gentes de todas as classes e tipos de formação ou instrução. Sabia pequenas e grandes coisas sobre o trato e a psicologia das pessoas. E procurava tornar as relações sociais (por exemplo, as laborais) mais fáceis e menos conflituosas, com soluções por vezes de “ovo de Colombo”. Era um bom psicólogo, um bom conhecedor da mente e da alma humanas.

Embora, sendo editor a partir de 1975, salvo erro, fosse consequentemente um empresário, não tinha nenhuma sede do lucro pelo lucro, apenas de serviço e racionalidade. Tinha, além do mais, que pagar fornecedores e salários aos seus empregados. E não se esquecia dessa responsabilidade.

Não era um sonhador sem os pés na terra. Mas era totalmente desprendido, no sentido próprio que essa palavra tem. Vestia com elegância nada pedante, antes com

sobriedade. No inverno, com um típico capote impermeável de couro por sobre o fato tradicional com colete e gravata, em tons discretos. Nada de automóveis exuberantes e ostentatórios. Quando devia almoçar ou jantar fora, ia a restaurantes médios, sem luxos (apreciava a boa mesa, mas comedidamente), e comprava sobretudo livros. Estimava-os, ao ponto de encadernar muitos deles. E partilhava esse gosto de bem-vestir os livros. Ofereceu-me (régio presente) a encadernação de várias coleções de livros meus: toda a Biblioteca Básica Verbo (100 volumes), a obra completa de Ferreira de Castro, boa parte das minhas sebtas de Coimbra, etc., etc.

A partir de certa altura, começou a construir uma casa na sua terra Natal, que deveria ter uma torre para a biblioteca – inspiração claramente de Montaigne. Tenho ainda mais curiosidade de lá ir e ver a torre, ainda que ao longe, que de visitar o castelo de la Brède, propriedade de Montesquieu. E olhe-se que quero muito ir ver a casa do autor do *Espírito das Leis*. Um pormenor que não o é: pelo menos durante um largo tempo, se não sempre, parece que não retirava da Rés editora um centavo que fosse a título de vencimento.

Teria, naturalmente, muito quem o invejasse. Conheci uma ou outra pessoa não reprovável em absoluto que lhe colocava reticências. Mas o curioso é que, quando convidadas a explicar porque *não iam à missa* do “Dr. Reinaldo”, como era conhecido, não conseguiam formular factos, nem dar explicações. Era como uma sombra que ele fizesse sobre o seu amor próprio, a sua vaidade pessoal. No fundo, ele era demasiado brilhante e ao mesmo tempo excessivamente modesto para ser tolerado por alguns, e insistimos: mesmo consideráveis, *lato sensu*, boas pessoas. A inteligência, e mais ainda a inteligência que não se exhibe, incomoda muita gente.

Era um adversário leal. Poderia ter ido buscar artifícios e enleios no seu saco de recursos, mas julgo que isso o entediaria e degradaria. Não se rebaixava a usar as armas dos outros. Sobretudo jamais a calúnia, a injúria, a intriga, a perversa insinuação, tão ao gosto dos que não trabalham e criticam o trabalho alheio. Estava muito acima dessas coisas mesquinhas.

Aliás, quanto à qualidade de académicos e intelectuais em geral, costumava convocar somente (sem nomear ninguém) um teste a que, influenciado por um anúncio televisivo, passei a batizar como o “teste do algodão”. “O algodão não engana” – diz o mordomo...

Perante as famas e ouropéis de estrelas que se baseiam na fortuna própria, na posição social ou profissional que ocupam, na boa imprensa, etc., etc., costumava dizer que uma só coisa se deveria perguntar: o que disseram, e, no nosso ambiente de civilizações do Livro e dos livros, quantos e quais livros escreveram, publicaram, e o que disseram nessas obras? Génios que nada dizem, como o “Pacheco” de Eça de Queiroz, ou glórias de um só livro (ou pouco mais), não passariam no seu “teste do algodão”. Não que a qualidade deva ceder à quantidade. Mas exige-se, ao menos, alguma coisa... Não apenas nome, e renome sem obras. Noutras latitudes epistémicas, operar-se-ia *mutatis mutandis*: onde estão as pinturas para os pintores, as esculturas para os escultores, as partituras para os compositores, os filmes para os cineastas?

Chamava os amigos à razão quando estes o mereciam, e não deixava de dizer com serenidade, na cara, os defeitos que via naqueles que estimava. Fazia-o sinceramente, com coragem e com um intuito construtivo. E era capaz de perdoar. Aliás, quase se poderia dizer que, perante a enorme *décalage* das suas exigências éticas e o que via à sua volta, deveria intimamente perdoar as tais 70 x 7 evangélicas (ele que, como aflorámos já, não se sentia chamado pela fé, embora tivesse um enorme interesse cultural pelas religiões e pelo mito – tendo editado, desde logo, a *História das Crenças e das Ideias Religiosas* de Mircea Eliade, em 3 volumes, e começado a dar a lume uma portentosa biblioteca mitológica, que deveria terminar

com uma enciclopédia mitológica – onde estarão os verbetes que deixou, por si redigidos e pela sua filha Cristiana, precocemente falecida?). Tive a honra de posfaciar essa obra fundamental do historiador das religiões romeno.

Tratava (com grande à vontade e naturalidade) por “tu” muita gente, de condição muito diversa, surpreendentemente. Não, como alguns, de forma *snob* e unívoca. Mas insistindo mesmo que os outros o tratassem da mesma forma. Eu tentei durante uma tarde, mas não fui capaz... Claro que insisti para que ele me continuasse a honrar com essa forma de tratamento.

Fumava com convicção, curvando-se um pouco para o cigarro, que decerto o ajudava na concentração (diz-se que Getúlio Vargas falava também com o silêncio do seu charuto... haveria algo nele de semelhante, fora obviamente a pose do presidente brasileiro). Por vezes, numa conferência, poderíamos vê-lo apoiar a cabeça no punho, com os olhos semicerrados. Naturalmente para maior concentração.

Não punha especial empenho em ser grande orador, e muito menos arrebatador de massas, ou mesmo simples auditórios. Falava com elegância não afetada e escorreitamente. Mas chegou a endossar-me uma ou outra conferência, não apenas para me incentivar, como porque começou a descrever das pessoas, e dos grupos. E certamente o convívio social meramente mundano, que muitas vezes rodeia certos círculos e sociedades, onde se desenrolam (entre outras coisas menos úteis) palestras, lhe não seria propriamente fácil. Gostava de falar para especular profundamente assuntos sérios, não alimentar conversas de salão, ou do veneno e do punhal das intrigas. Não o falar por falar ou para aparecer, mas o conversar como instrumento de procura da verdade – forma de filosofar.

VI

Na última vez que nos vimos, foi um encontro casual na livraria FNAC. Estava preocupado com o mundo. Achava que o grande problema do nosso tempo não era mais o político, ou sequer o económico (que alguns hoje consideram alfa e ómega de tudo), mas o social. Tempo de emergência do social, de problemas sociais, de mutações sociais profundíssimas, nunca vistas no registo que da História temos.

Haveria muito mais a referir, e apenas sobre a Pessoa que foi. A catalogação como Humanista parece-me adequada, em todos ou quase todos os seus sentidos.

Foi Homem de sete ofícios, a todos desempenhando com facilidade e mestria, embora sempre com afinco, seriedade e estudo.

Foi sensível à dimensão universal do Homem e ao seu grande problema, em todas as suas facetas – das filosóficas às artísticas, das literárias às jurídicas.

Foi atento à sociabilidade essencial da Humanidade, e à “questão social”, assim como às mutações sociais profundas do nosso tempo.

Foi um homem da Renascença no nosso presente, e empenhado também num Renascimento, hoje, de ares desnuclados e confluência dos saberes.

Foi, assim, uma figura marcadamente pósdisciplinar *avant la lettre*.

VII

O único trabalho de conjunto existente sobre Reinaldo de Carvalho não é de crítica literária nem de análise filosófica: desenvolve sobretudo a relação do autor com

o Direito e a Justiça. Não gostaria, porém, de terminar sem deixar uma nota que é mais uma impressão, uma hipótese heurística a ser ulteriormente desenvolvida.

Creio que Reinaldo de Carvalho é um autor existencialista, de um existencialismo racional(ista), obviamente indagador, inquieto. E nele o mais denso, o mais importante, é mesmo a questão ética. Diríamos que em duas vertentes, que são os dois sentidos da palavra: tanto na dimensão do dever-ser (*sollen*), de uma ordem de valores e virtudes que devam pautar a conduta das Pessoas, como na do ser/*seer* que é (*sein/seyn*) – para usar a paleta lexical alargada de Heidegger e do seu tradutor Marco Antonio Casanova. Explicitando: tanto a ética propriamente dita no sentido normativo, prescritivo e proibitivo, como o *ethos*, enquanto modo-de-ser. Os costumes, os hábitos, a cor local, são elementos do *ethos*. Mas há por detrás disso um palpitar de eticidade latente, como há uma Justiça acima do Direito? A procura dessa radical e superior razão é que determina a efabulação ou a expressão poética, que são uma outra forma de demanda, de especulação filosófica. Por isso é que, nomeadamente, Reinaldo de Carvalho sempre viu a poesia como uma tradução da filosofia, não podendo subsistir aquela sem esta. Tal deveria ser óbvio, mas está longe de o ser... Significativamente, Reinaldo de Carvalho publicou o seu *Lugar à Poesia* na coleção Diagonal, aquela que, na Rés, correspondia às obras de Filosofia. Não é um mero arranjo de ocasião; corresponde a uma conceção epistémica e até mais além...

VIII

Há muitos que se vangloriam de ser *prole sem mãe criada*, tendo alegadamente tirado de si todo o fio dos seus textos, qual aranha, para lembrar o símile de Cruz Malpique. Há outros que veneram com fervor apegado e supersticioso um único mestre, que normalmente foi o seu mentor. No meu caso, tive vários mestres, e todos convivem virtualmente, simbolicamente, no panteão largo, arejado, e pluralista da minha memória e da minha veneração atual (felizmente alguns estão ainda vivos).

Ser discípulo e venerador de um Mestre não retira, se o discípulo é minimamente grato e não tacanho, o discipulato e a veneração de outro Mestre. E nenhum Mestre, vivo ou morto, também pode ter ciúmes dessa plural ligação. Aqui ficam palavras sobre um Mestre meu, esperando ter tempo, saúde e vida para vir a falar de outros mestres que tive também.

E novamente sobre este. Esperemos, pois, que outras ocasiões se abram para continuar o testemunho sobre este Mestre (e aprofundar a análise da sua obra), a quem saudosamente presto esta singelíssima homenagem.

Até sempre, Dr. Reinaldo!

Porto, 8 de outubro de 2020

Recebido para publicação em 09-10-20; aceito em 24-10-20